



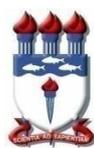
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANA MARIA MORENO DOS SANTOS

CAMINHOS, CONFLITOS E ESPERANÇAS DO AXÉ: RELATOS DE UMA  
SERTANEJA CANDOMBLECISTA EM PARICONHA 1964-2018

DELMIRO GOUVEIA / AL

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ANA MARIA MORENO DOS SANTOS

CAMINHOS, CONFLITOS E ESPERANÇAS DO AXÉ: RELATOS DE UMA  
SERTANEJA CANDOMBLECISTA EM PARICONHA 1964-2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da Universidade  
Federal de Alagoas, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Flávio Augusto Aguiar Moraes

Coorientador: Luiz Domingos Nascimento Neto

DELMIRO GOUVEIA / AL

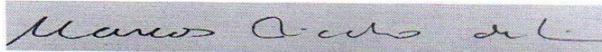
2018

**Folha de aprovação**

**Autor:** Ana Maria Moreno dos Santos

Tema: "CAMINHOS, CONFLITOS E ESPERANÇAS DO AXÉ:RELATOS DE  
UMA SERTANEJA CANDOMBLECISTA EM PARICONHA./ Trabalho de  
conclusão de curso submetido ao corpo docente do curso de licenciatura em História da  
Universidade Federal de Alagoas/ Campus Sertão e aprovado em 21 de novembro de  
2018..

**BANCA EXAMINADORA**



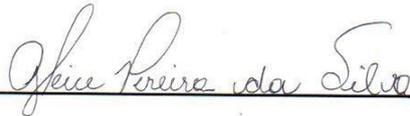
---

Prof. Dr Marcos Ricardo de Lima (orientador)  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL- Sertão)  
(Orientador)

#.

---

Prof.ª. Dr. Gabriel Soares Bádue  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL- Sertão)  
(Examinador externo)



---

Prof.ª. Msc. Gleice Pereira da Silva  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL- Sertão)  
(Examinadora externa)

## **CAMINHOS, CONFLITOS E ESPERANÇAS DO AXÉ: REATOS DE UMA SERTANEJA CANDOMBLECISTA EM PARICONHA 1964-2018.**

Ana Maria Moreno dos Santos\*

### **Resumo**

O Candomblé consiste ao longo do seu processo histórico como um símbolo de resistência. As religiões de matriz africana chegaram ao Brasil na metade do século XVI, quando os negros foram trazidos à Colônia para serem utilizados como mão-de-obra escrava, tendo grande significado histórico na formação da sociedade brasileira, foram importantes para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Brasil. O Candomblé mantém firmes sua ancestralidade preservando os ensinamentos, ao mesmo tempo em que foi propagada através da oralidade. presente artigo está embasado na vida de uma Yalórixá alagoana, Maria Lúcia<sup>1</sup> e seus conflitos familiares e sociais iniciados no período de 1964 na região de Pariconha onde teve a infância marcada pelas suas primeiras experiências religiosas.

**Palavra Chaves:** Candomblé, Yalorixá, Preconceito, Historiografia.

## **PATHWAYS, CONFLICTS AND HOPES OF THE AX: STORIES OF A SERTANEJA CANDOMBLECISTA IN PARICONHA 1964-2018**

---

\*Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, 2018. contato: [anamariamorena02@hotmail.com](mailto:anamariamorena02@hotmail.com)

<sup>1</sup> ANEXO. P.29 Mãe Lúcia.

## **ABSTRACT**

Candomblé consists throughout its historical process as a symbol of resistance. The religions of African origin arrived in Brazil in the middle of the sixteenth century, when blacks were brought to the colony to be used as slave labor, having great historical significance in the formation of Brazilian society, were important for economic, social development and culture of Brazil. Candomblé maintains its ancestry firmly preserving the teachings, at the same time that it was propagated through orality. This article is based on the life of an Alagoan Yalórixá, Maria Lúcia and her family and social conflicts that began in the period of 1964 in the region of Pariconha where her childhood was marked by her first religious experiences.

Key words: Candomblé, Yalorixá, Prejudice, Historiography.

## 1. INTRODUÇÃO

A reorganização social dos negros no Brasil acontece a partir do século XVI até meados do XIX sendo parte fundamental da colonização trazidos através do tráfico de escravos pelo Atlântico deixando suas origens para integrarem a Colônia brasileira. A partir de análises escritas sobre as contribuições negras para a formação da sociedade brasileira. Utilizaremos autores como Ferreti, Verger, Reginaldo Prandi juntamente com Nina Rodrigues e Gilberto Freyre. Onde traremos a contextualização de Gilberto Freyre sobre o cristianismo, mostrando de que forma os olhares conservadores contribuíram na formação de opinião na sociedade e que se refletem até o presente na história da religião afro-brasileira, candomblé, diante das estruturas sociais onde analisamos os preconceitos ainda muito vigentes, construídos por um olhar eurocêntrico.

Trabalharemos em torno de relatos que nos mostram o quão são essenciais na construção das narrativas que contam a história do candomblé e têm como principal fonte a oralidade, pela qual os ensinamentos são repassados para os demais praticantes servindo como instrumento de conservação e perpetuação dessa religião afro brasileira. Ao trabalharmos com a História nos deparamos com conceitos vividos, não relatando apenas o acontecido, mas exemplificando os fatos, as memórias são guias das considerações e ações futuras.<sup>2</sup>

Os vestígios do passado possibilitaram um olhar sobre os “esquecidos”, mediante a história construída pelos grandes homens e mitos, percebeu-se na história dos homens “comuns”, a compreensão do meio social, nesse passado entendemos os paradigmas presentes.

A importância da micro história neste trabalho é mostrar o indivíduo comum que sai de um papel secundário para protagonizar uma história. Funciona como um auto definição, através de uma análise dos ambientes sociais e de seu cotidiano, é uma investigação em um curto espaço de tempo que na França, Estados Unidos e Inglaterra é também conhecida como história local. Ginzburg no início dos anos 60 passa a estudar

---

<sup>2</sup> Ginzburg, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo, 2007. P. 37

os processos de inquisição conceituando as narrativas dos processos inquisitórios. Parte desse estudo se encontra em sua obra *O queijo e os vermes* (1976<sup>3</sup>).

A construção analítica da história apresentada por Ginzburg percebe os aspectos sociais e culturais, observando o seu relacionamento com a cultura escrita e sua dominação em relação à cultura oral, narrando especialmente às classes subalternas. As ideias propagadas por um simples Moleiro Menocchio, que sabia ler e por isso levantava questionamentos contra a igreja e seus dogmas.<sup>4</sup> As contribuições da tradição oral<sup>5</sup>, assim Carlo Ginzburg reconstruiu aparte da microanálise do seu cotidiano e âmbito social.

Temos como base no presente artigo tem como base a análise da história rememorada de uma Yalorixá Maria Lucia, no sertão alagoano precisamente no pequeno povoado chamado tanque localizado atualmente na região de Pariconha<sup>6</sup>, Alagoas.

## 1.1 DA ÁFRICA PARA O BRASIL: RESISTÊNCIA NEGRA E REORGANIZAÇÃO SOCIAL.

O século XVI a meados do XIX foi impulsionado pela produção de café e açúcar, os negros foram trazidos pelos navios negreiros, para o Novo Mundo como era conhecido o Brasil, escravizados serviram de mão de obra para os colonizadores e grandes produtores agrícolas.

Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*<sup>7</sup> destaca a importância dos negros na formação da sociedade brasileira patriarcal, através dos fatores biológicos e fisiológicos ao retratar a História Cultural retificando outras características, esse processo de grande importância para entendermos a variação cultural e continental africana em suas organizações, retrata a facilidade dos negros em se adaptarem as regiões tropicais, demonstrando argumentos que presentes na antropologia. A organização Ioruba original do continente africano, as práticas Nagôs introduzidas na Bahia, as margens do Atlântico

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguidos pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>4</sup> Ibid. p.37

<sup>5</sup>Ibid. p.171 “Com seu silêncio, Menocchio pretendia frisar para os juizes, até o último instante, que seus pensamentos haviam surgido no isolamento, em contato exclusivo com os livros. Contudo, nós já vimos que ele projetava sobre as páginas impressas elementos tirados da tradição oral”

<sup>6</sup> O município foi criado pela Constituição Estadual em 5 de outubro de 1989, desmembrado de Água Branca, mas sua instalação definitiva só ocorreu em 1º de janeiro de 1993. IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha/panorama>

<sup>7</sup>FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global. 2003. PDF <https://edisciplinas.usp.br> acesso em 20 de setembro de 2018.

durante o período do tráfico de escravos contribuíram para a reorganização cultural negra, através de sua linguagem e religião.

Esse rompimento no Velho Mundo deve ter reproduzido bem perto as condições criadas no Novo Mundo pelo tráfico de escravos. Circunstâncias como essas tendem a acelerar a constante renovação da formação identitária que é uma característica de todas as culturas. A resposta inicial aos traumas sociais da imigração foi provavelmente procurar grupos semelhantes, bem como redefinições de identidade social, com base nos elementos partilhados entre eles especialmente nas suas linguagem e religião<sup>8</sup>.

Houve a construção de uma auto-identificação<sup>9</sup> através das mulheres falantes do ioruba que partiram da África e traziam consigo os significados da nação Nagô para a organização de práticas religiosas do candomblé<sup>10</sup>, a qual é centrada no culto aos Orixás<sup>11</sup> buscando sempre manter as ligações com seus ancestrais<sup>12</sup>. Estudos de Pierre Verger, *Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo*<sup>13</sup>, ilustra as tradições religiosa africanas e sua linguagem Ioruba, até a introdução destes no Brasil pelo Atlântico.

O Orixá é uma força pura, *ásé* imaterial que se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu *elégún*, aquele que tem o privilégio de ser “montado,” *gún*, por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá volta à terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que os evocam.<sup>14</sup>

O culto aos orixás trata de elementos naturais que são tradicionalmente transmitidos pela oralidade, trazidos de várias partes do continente africano. Os negros

---

<sup>8</sup>ELTIS, David. A **Diáspora dos Falantes de Iorubá, 1650-1865: Dimensões e Implicações**. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 2006. p. 271-299. p. 272/273

<sup>9</sup>A **Diasporo Dos Falantes De Iorubas,1650-1865: Dimensões E Implicação** / DAVID ELTIS <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v7n13/2237-101X-topoi-7-13-00271.pdf>. p.272-273.

<sup>10</sup>religião de matriz africana que envolve processos de adivinhação; iniciação, sacrifícios, cura e celebração. Ibid-165-166

<sup>11</sup>Deuses cultuados em terras iorubas na África que receberam de Olodumare ou Olorum, o ser supremo, a incumbência de criar e governa o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e condição humana. PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás* / Reginaldo Prandi ; ilustrações de Pedro Rafael.-São Paulo: Companhia das Letras,2001. p.20.

<sup>12</sup> Os cultos aos ancestrais no axé ou asé e a alegria de prestigiar seus deuses *Elégún* conhecidos também por *Iaô* são de grande importância nas cerimônias religiosas, uma sujeição e dependência do indivíduo para com o seu orixá, tendo papel fundamental na adoração dos ancestrais enraizado no Brasil, através da chegada dos negros trazendo o culto, dança e rezas de seus povos africanos na linguagem ioruba rezas perdidas na tradição brasileira, mas que podem agora ser recuperadas através dos registros etnográficos .PRANDI, José Reginaldo, **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC, 1991. P.29

<sup>13</sup> VERGER, Pierre Fatumbi, 1902-1996. **Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Curruripe, 2002

<sup>14</sup>Ibid. p.19

buscaram preservar como forma de resistência a presença espiritual dos seus ancestrais, assegurando que não fossem apagados os rituais de obrigações.<sup>15</sup> O sincretismo aparece em relação à religião de matriz africana como uma forma de defesa a sociedade cristã, entretanto, acaba sendo considerada uma perda da tradição africana e suas práticas, por ter que se misturar a outras religiões para manter-se viva.

No século XVIII, do ponto de vista cristão, passam a ser consideradas como heresia as práticas sincréticas que vão contra os dogmas da igreja católica, mas nesse período já se difundia pelo Brasil essa nova prática onde ao se pensar em religião afro-brasileira já a associava diretamente ao sincretismo<sup>16</sup>. Justifica-se essa nova organização religiosa, como forma de resistência, em uma cultura onde a formação social é predominante católica. Continuando a falar da obra de Freyre, observa-se o destaque para essa predominância no quarto capítulo, ao falar do papel dos escravos na formação da família brasileira<sup>17</sup>. As formas de organização dos negros na construção de sua própria história, ganha ênfase quando Reginaldo Prandi trabalha os Candomblés em São Paulo.

Desenraizados de sua cultura original, só preservada no Brasil de forma fragmentada, os orixás perderam muito de sua relação com partes e aspectos do mundo da natureza, ganhando maior similitude com o mundo dos homens. Agora, a regência dos orixás sobre os seus elementos da natureza (ferro, água, pedra, lama, raio) é o governo de deuses “humanificado”, no sentido de elemento original é apenas simbólicos-ritual.<sup>18</sup>

O sincretismo está ligado a opressão e a imposição da religião do colonizador sobre os colonizados, sendo obrigados a uma “aceitação<sup>19</sup>” passando a se confundirem com elementos de suas origens que apareciam durante os festejos, em suas danças de roda os negros cantavam em sua língua nativa e adoravam seus deuses, sem que seus senhores percebessem. Passaram a fazer uma analogia de seus Orixás com Santos Católicos, por

---

<sup>15</sup> Ibid. p.33

<sup>16</sup>O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso, isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de cultura, religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdo de diversas origens.

FERRETI, Sérgio E. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.8, , jun. 1998. p. 182-198. p. 183

<sup>17</sup>FREYRE, Gilberto, 1987. **Casa-Grande & Senzala**: Formação da Família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global 2003.p.205-225 PDF <https://edisciplinas.usp.br> acessado dia 20 de setembro.

<sup>18</sup>Prandi, José Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova**. São Paulo:HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.p.29

<sup>19</sup>FERRETI, Sérgio E. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.8, , jun. 1998. p. 182-198. p.184

exemplo: *Xangô* “o deus do trovão” teve sua imagem associada a São Jerônimo; *Obaluaê* (*omolu*) a São Lazaro, *Iemanjá* a Nossa Senhora da Conceição; *Nanã* a Sant’ Ana, *Iansã* está ligada a Santa Barbara e *Oxalá* a imagem de nosso senhor do Bomfim<sup>20</sup>.

As formas de comunicação dos escravos se tornavam códigos, para assegurarem um controle de si e reconhecer o outro. A linguagem Bantu<sup>21</sup> é mais uma forma de resistência social, para com suas experiências traumáticas, onde deixam camufladas suas origens culturais e religiosas e suas falas permitiam despistar os curiosos que buscavam entender a cabeça dos escravos. Para evitar essas organizações de grupos eram colocados escravos de etnias diferentes juntos para evitar futuros transtornos. Os negros se mantinham estrategicamente preparados se faziam conhecedores de tudo a sua volta, ao mesmo tempo em se mantinham desconhecidos pelos seus donos. permitiam assim desenvolver uma consciência africana em um âmbito colonizador<sup>22</sup>.

Durante o século XIX, houve um despertar por parte de estudiosos em entender a tradição, costumes e religião de forma mais aprofundada sobre os negros, temos a pessoa de Nina Rodrigues (NR) que em 1896 na Bahia, inicia suas contribuições antropológicas, o determinismo biológico, onde o negro aparece psicologicamente inferior ao branco, apresenta a religião afro-brasileira e dá início aos estudos étnico-racial, enfatiza a vida dos negros no Brasil e o contato com sua ancestralidade onde mantém o animismo em seus cultos, através da natureza.

Partindo dos pensamentos elitistas do século XIX a começo do XX, Nina se destaca por duras críticas a propagação africana no Brasil defensor de uma hegemonia branca, considerava impossível civilizar uma raça inferior como a dos negros, nem muitos menos torná-los cristãos.<sup>23</sup> A partir do forçamento do cristianismo para os africanos surgiu o animismo Fetichista. A chegada em grande massa despertou o interesse e preocupação das elites nacionais e NR se pois a estudar os negros no Brasil.

A raça negra que fundamentou com seu suor a argamassa da nossa nação e independência, não apenas predominava em números em relação brancos, índios, e com já preparava, diluída

<sup>20</sup>VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 2002.p. 26

<sup>21</sup>SLENES, Robert W. “Malungu, ngoma vem!”: **África coberta e descoberta no Brasil** <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575/27317> p.49. acesso em 09 de novembro de 2018

<sup>22</sup>Ibid. p.50.

<sup>23</sup>COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº21, jan/jun. 2009 p. 94-120. P.95

na miscigenação o predomínio que lhe caberia na direção do futuro da nação. Ela possui legitimamente o direito de ser devidamente reconhecido<sup>24</sup>.

NR traz a importância da raça negra para a formação da sociedade brasileira que até então não a reconhecia com a devida importância mostrada em rico acervo de imagens, tabelas, inquéritos e narrações orais<sup>25</sup>, ressaltando a memória e originalidade à condição do negro, onde a ciência vai ter um papel importante para legitimar a cultura negra esquecida e ignorada por não seguir os padrões impostos pela sociedade, que com isso tirava o direito de grande parte da população de se identificar com tal cultura e se determinar candomblecista, pautando-se em leis para limitar a expansão da religião, como o código penal de 1890 “*Praticavam a magia e seus sortilégios para despertar sentimento de ódio e amor e subjugar a crueldade pública*”<sup>26</sup>. Esse espaço de discussão possibilitou outros pensadores a criticarem sua obra ou concordar com seu espaço de fala, e a estudar o negro em âmbito público e privado, rememorando o cotidiano cultural da sociedade brasileira.

Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre fala da influência dos africanos na linguagem, cozinha, aprimoraram o trabalho e criaram novos métodos para a agropecuária, também no folclore e religião, mantendo a linha patriarcal na sociedade brasileira, entre os senhores e seus escravos estratificando as relações sociais, apesar da diversidade cultural e social vigente no Brasil. Enfatiza também a facilidade negra de se adaptar a terra tropical e de sol quente onde se tornaram indispensáveis para produção e para o desenvolvimento econômico.

A senzala; a casa grande propriamente dita – isto é, considerada como parte e não dominador do sistema de colonização e formação patriarcal do Brasil. O método de desafricanização do negro “novo”, aqui seguido, foi o de misturá-lo como a massa de “ladinos”, ou veteranos; de modo que as senzalas foram uma escola prática de abasileiramentos<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup>RODRIGUES, Nina. **O animismo Fetichista dos Negros Baiano**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Editora UFRJ, 2006. p.28

<sup>25</sup>Ibid. p. 9

<sup>26</sup><http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal> acesso em 10 de novembro de 2018

<sup>27</sup> Ibid. P. 228 <https://edisciplinas.usp.br> acessado dia 20 de setembro

Não perdendo contato com suas raízes e se enquadrando nas relações sociais, os negros trouxeram com a miscigenação contribuições fundamentais para a formação da sociedade brasileira. Ao destacar os estudos de Nina Rodrigues sobre biologia negra e sua religião, Gilberto Freyre destaca o envolvimento dos negros e seus senhores formando uma cultura afro-brasileira sem que os negros perdessem suas influências africanas.

No Brasil não perderam, uma vez distribuídos pelas senzalas das casas grandes coloniais, o contato com a África. Não perderam- no aliás os negros fetichistas das áreas de cultura africana mais adiante. Os nagô, por exemplo, do reino Ioruba deram ao luxo de importar, tanto quanto os maometanos objetos de culto religiosos e de uso pessoal.<sup>28</sup>

A reorganização dos negros no Brasil contribuiu para que sua história fosse lembrada com auxílio da ciência, tendo ela grande importância para legitimar a cultura e religião negra que fazem parte da sociedade brasileira e tornou-se uma fonte privilegiada da história na qual o Candomblé sai de um espaço marginalizado para dar maior importância aos seus indivíduos e aos seus conceitos.

## **1.2 NO SILÊNCIO DO TAMBORES, A ESPERANÇA DO AXÊ: ANÁLISES CONTEMPORÂNEAS SOBRE O CANDOMBLÉ EM ALAGOAS.**

Desde os seus primórdios o candomblé se constitui pela forma de adaptação aos meios nos quais está em inserido. Não diferentemente em Maceió, capital alagoana, teve sua história marcada por perseguições, violência e racismo culminando no silenciamento da religião devido aos episódios traumáticos realizados no dia 01 de fevereiro de 1912, quando os terreiros foram invadidos em ataques violentos.

O candomblé carrega grandes marcas criadas a partir de perseguições sociais e políticas. Após 106 anos do maior acontecimento histórico em alagoas, Ulisses Neves em “*Xangô Rezado Baixo: religião e política na primeira República*”<sup>29</sup>, faz uma síntese que resultou em sua obra buscando um resgate dessa memória “esquecida” pela ausência de informações, revelando os traumas que a violência ocasionou na historiografia e no âmbito social alagoano, onde percebeu a necessidade de reconstruir essas memórias

<sup>28</sup>FREYRE, Gilberto, 1987. *Casa-Grande & Senzala*: Formação da Família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global 2003.p.205 PDF <https://edisciplinas.usp.br> acessado dia 20 de setembro

<sup>29</sup>RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô Rezado Baixo: Religião e Política na Primeira República*. São Cristóvão, 2012.

resultando em sua tese de doutorado na qual faz um estudo voltado a perseguição dos terreiros em Alagoas no ano de 1912. Traz questões políticas, culturais, sociais, também de preconceito e intolerância religiosa analisados através dos recortes jornalístico e inquéritos judiciais. Assim Ulisses Neves inicia:

Na noite do dia 1º de fevereiro, numa quinta-feira, mais ou menos por volta das dez e meia da noite, quando grande parte da população dormia, como era de costume na época, as ruas de Maceió foram palco de um dos espetáculos mais trágicos de que se tem notícia nos anais judiciários daquela capital. Tudo começara ainda nas primeiras horas daquela noite, quando um grupo de rapazes, na sua grande maioria empregados do comércio, foram chegando ao número 311 da rua do Sopapo, no bairro da Levada, residência de Manoel Luiz da Paz e sede da Liga dos Republicanos Combatentes, misto de guarda civil e milícias particular, criado com pouco mais de dois meses com finalidade de fornecer suporte físico a campanha de estilo persecutório contra o governador Euclides Malta<sup>30</sup>.

Quando se discute 1º de fevereiro de 1912, no contexto histórico do candomblé, um dos acontecimentos marcados por violentas ações por parte dos políticos contrários a Euclides Malta governador do Estado, em conjunto com a sociedade civil, polícia, e milícias que surgiram de formas organizadas, utilizando a oposição ao governo para impulsionar o evento conhecido como “*Quebra-quebra de terreiro ou Quebra de Xangô*”. As disputas políticas entre as elites incentivaram gradativamente os conflitos sociais e a política local em busca do poder, a permanência duradoura de Euclides no poder durante o seguimento de três mandatos, foi associado aos poderes dos pais e mães de santos que chegaram a ser intitulados como bruxos e feiticeiros, que ganhavam manchetes nos jornais alagoanos.

A oposição ao governo ficou mais forte através da Liga dos Combatentes Republicanos<sup>31</sup>, em meio às organizações dos grupos de carnavais e próximo a festa de

---

<sup>30</sup>Ibid. P. 27

<sup>31</sup>Naquela Maceió província do começo do século 20, com pouco mais de 30 mil habitantes, eram poucas as pessoas que nunca tinham ouvido falar de Manoel Luiz da Paz. Militar do exército, com fama de pavio curto, foi destacado para lutar na Bahia durante a guerra de Canudos (1896 e 1897) e de lá voltou sem uma perna e como tenente aposentado. Em 1909, Manoel Luiz da Paz mostra uma nova faceta ao fundar como sede em sua própria casa na famosa Rua do Sopapo, na Levada, Clube dos Morcegos, bloco carnavalesco que levava multidões às ruas durante a folia de carnaval. Mas foi mesmo como fundador e militante da Liga dos Republicanos combatentes em homenagem a Miguel Omena – advogado que fazia ferrenha oposição a Euclides Malta e foi obrigado a deixar Alagoas, sendo morto no Paraná-que Manoel ganhou notoriedade. A Liga arregimentava participantes-trabalhadores pobres e muitos desertores da polícia – para lutarem pelo fim da Era Malta,

Oxum, no qual no sincretismo religioso é dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição na Igreja Católica, eclodiu o grito do “Quebra” dando início as invasões aos terreiros movidas por interesses políticos, o preconceito por parte das elites que estavam incomodados com o crescimento da religião africana, que se tornava mais visível no cenário social de Maceió. A intolerância religiosa coordenava os atos de violência contra os terreiros e contra pais e mães de Santo bem como aos adeptos da religião. As agressões físicas, destruição do patrimônio religioso e o trauma psicológico se mantiveram presentes silenciando as práticas candomblecistas em Alagoas.

O *Catálogo Ilustrado da Coleção Perseverança*<sup>32</sup> organizado por Aberlado Duarte<sup>33</sup> traz os relatos de uma noite marcada por violência, perseguição, intolerância religiosa, constituída por ideias cristãos e políticos, contando com cerca de 215 peças entre elas instrumentos musicais, paramentas, esculturas e insígnias. Peças que foram saqueadas, como as peças em ouro e prata que desapareceram porque foram levadas por integrantes da Liga Republicanos Combatentes onde parte delas foi destruída em praça pública diante de uma grande fogueira, as que restaram foram expostas como uma forma pejorativa em relação a religião de matriz Africana em um ato de preconceito e intolerância religiosa.

Os maiores registros de preconceito estavam presentes no *Jornal de Alagoas*<sup>34</sup> fazendo oposição ao governo do Estado, em seus relatos jornalístico a marginalização da religião muito contribui para aflorar os ânimos das pessoas naquele período, fazendo propagandas que geravam ódio na população em relação a religião de matriz africana em

---

GRACILIANO: Revista da imprensa oficial Graciliano Ramos; Maceió-Ano V-Nº13- Março e Abril 2012. P.53.

<sup>32</sup>Onde pela primeira vez tornou-se possível o conhecimento desse episódio que se tornou possível pesquisada O Quebra de Xangô ou Quebra-Quebra. RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado baixo:** religião e política na primeira republica Maceió: Edufal,2012 prefacio podendo ser visto virtualmente no site: <https://www.ihgal-al.com.br> acessado em 15 de setembro de 2018.( Ihgal Instituto, Historico E Geografico De Alagoas)

<sup>33</sup>**Abelardo Duarte**, médico e escritor, fundador da Faculdade de Medicina de Alagoas, foi um dos mais destacados representantes do pensamento de Alagoas. Professor emérito da Universidade Federal de Alagoas, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro de inúmeras outras instituições. Autor do já histórico estudo “Um folguedo do povo: O Bumba-meu-boi (Ensaio de História e Folclore) “ - Maceió, 1957, entre várias outras obras. Distingue-se também por acentuado interesse por questões "negras" que dizem respeito à musicologia.

<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/abelardo-duarte> acesso em 28 de setembro de 2018

<sup>34</sup><http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia> acesso em 28 de setembro de 2018

meio a insatisfação ao governo Malta publicando diversos textos os quais se utilizava de termos como “casa de feitiçaria barata”, “antros endemoniados”.

As religiões de matriz africana acabaram ficando à mercê de uma guerra pelo poder do Estado disputada pelas elites alagoanas. Todavia, após muita resistência e com tantas mudanças sofridas nos anos de 1950 os terreiros de candomblé e umbanda passaram a ter aspecto formal com um aval de funcionamento adquirido do governo.

Nos anos 1960 as notícias publicadas no Jornal de Alagoas ao se referir aos terreiros localizados nos bairros de periferia chamavam-nos “Macumba” e “Xangô”. Quando são notícias de festas (algumas talvez tivessem o espaço comprado) eram apresentadas com “Umbandismo, “afro-Umbandistas” e poucas vezes como “Candomblé”. Nos anos 1970, com a federação sob influência dos militares o tom seria mais positivo ou menos negativo, somente aos terreiros e aos sacerdotes ligados aquela entidade. Quando não apresentavam as religiões afro-brasileiras como “folclore negro”<sup>35</sup>

O Candomblé resistente na construção de uma identidade sem perder seus traços originais, a sua matriz africana transformando-se como uma forma de resistência. As pesquisas voltadas a entender a organização da religião após o Quebra – Quebra buscam através da organização social e com base na história dos terreiros atacados uma forma de entender os fatores histórico do passado e seu reflexos no presente. O professor Clébio Correia de Araújo busca analisar os impactos desse episódio na construção social das comunidades de matriz-africana, que durante muito tempo foram silenciaram por parte de seus indivíduos, sendo esse um resultado da opressão social.

A marca típica do Nagô será sem dúvida a sua trajetória de repressão e estigmatização pública sofrida tendo no Quebra seu marco histórico primordial, e que colocará na periferia da religião afros diante dos olhos do Estado<sup>36</sup>

Historicamente o Candomblé vem sendo enfatizado na busca de pertencimento dos negros ao seu contexto social e religioso. Numa luta constante de resistência, misturam o cotidiano da vida privada com a vida pública diante dos olhos dos curiosos, como uma busca constante de identidade, que aparece nas trajetórias religiosas do

---

<sup>36</sup> O Candomblé Nagô em Maceió: itinerário de uma identidade em construção / Clébio Correia de Araujo. P.3 do PDF

Candomblé e de seus adeptos como reconhecimento histórico. Com isso, legitimam sua fé para além dos próprios componentes, sendo esta reconhecida socialmente saindo da invisibilidade a qual foi imposta, com base na formação do Candomblé no Brasil e em Alagoas.

### **1.3 LUCINHA; CAPETA; MÃE LÚCIA: RELATOS TENSÕES E ESPERANÇAS NA TRAJETÓRIA DE UMA MULHER SERTANEJA QUE VIVEU PARA CULTUAR OS ESPÍRITOS.**

*“Quando eu completei seis anos e oito meses de vida recebi minha primeira entidade, Maria Padilha das Almas, ela me pegou assim de vez e me derrubou, aí ela ficou. Foi uma experiência que eu nunca vou esquecer em minha vida, que tudo em minha vida diminuiu, tudo ficou do tamanho de bonequinha miniatura, algumas coisas eu ouvi e via outras não” (Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha-AL 08/2018)*

As estruturas sociais sofrem múltiplas variações quando se fala sobre religião, ao levantarmos questionamentos em relação ao Candomblé verificamos o preconceito vigente em nossa sociedade, que partem das ideias eurocêntricas difundidas no tempo presente. A importância do estudo de gênero, comportamentos sociais e étnicos deixaram seu papel secundário na história, saindo do anonimato, onde as pessoas comuns passaram a ser estudadas em seu cotidiano e aspectos no contexto social<sup>37</sup>, através de uma série de registros documentais no qual o papel feminino aparece como agente histórico,<sup>38</sup> trazendo diferentes características do âmbito público e privado.

A mulher exerce papel fundamental no Candomblé, onde aparecem como sacerdotisas centrais do templo podendo comunicar-se com as divindades, além de terem grande poder organizacional de hierarquias. Um dos fatores que atestam essa supremacia foi a conquista do jogo de búzios, oráculo e peça chave da religião, tendo as mães de santo um papel matrifocal na comunidade religiosa.<sup>39</sup>

Ao estudarmos a história de Mãe Lúcia enquanto mulher, sertaneja e candomblecista apresentamos a discussão sobre o meio social, suas experiências

---

<sup>37</sup> Ibid. p.92-95

<sup>38</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 85

<sup>39</sup> **O Candomblé e o poder feminino**. Revista de estudos da religião. Teresinha Bernardo.

[https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf) P. 5-15. Acesso em 10 de Nov. 2018

religiosas como formação identitária, junto a possibilidade da “escrita de si” apresentada por Ângela de Castro Gomes<sup>40</sup> que tornou-se um dos campos importantes para a História das Mulheres, possibilitando através dos diários, cartas, biografias e da História Oral, voz ativa na construção do eu<sup>41</sup>.

Maria Lúcia ou Mãe Lúcia de Oxum Opará, Yalorixá do sertão alagoano nasceu em 1958, em um pequeno povoado chamado Tanque composto atualmente por 240 pessoas, sendo que 70 são indígenas, anteriormente pertencente ao município de Água Branca, hoje essa comunidade faz parte do município de Pariconha em Alagoas. Filha de Minervina Maria e Júlio Alves, tem cinco irmãos, José, Juvenal, Lucilene e Marineide, criada em uma família católica, o sustento familiar derivava da agricultura. Na região existe a presença de algumas famílias indígenas, uma dessas famílias teve papel importante em seu desenvolvimento humano e espiritual, durante sua infância não era comum se ouvir falar em Candomblé ou do termo pejorativo “macumba”, porém se tinha muito contato com as “benzedoiras” ou “benzedores<sup>42</sup>”.

“Eu sou a mais velha da casa, a minha mãe teve oito filhos morreram três ficamos nós em cinco. Minha vida nunca foi fácil, até quando eu nasci e me entendi de gente minha mãe já era alcólatra. Minha mãe tinha um problema muito sério, ela saía de casa ao amanhecer do dia e chegava à tardinha. Eu como dos filhos a mais velha sendo a mulher tinha que cuidar da casa e dos meus irmãos. E não foi fácil, sempre fui uma pessoa doente, frágil, mas guerreira desde criança. Quando eu completei seis anos e oito meses de vida recebi minha primeira entidade, Maria Padilha das Almas, ela me pegou assim de vez e me derrubou, aí ela ficou. Foi uma experiência que eu nunca vou esquecer em minha vida, que tudo em minha vida diminuiu, tudo ficou do tamanho de bonequinha miniatura, algumas coisas eu ouvi e via outras não. Quando eu voltei ao normal pela primeira vez que eu recebi ela a casa estava com todo mundo do povoado dentro, falando que eu estava com problema sério de saúde, que eu estava com epilepsia. Eu sei que tiraram minhas roupas queimaram, fizeram simpatia, fizeram promessa minha mãe ficou

---

<sup>40</sup> Ibid. p.87-88

<sup>41</sup> A pesquisa auto referencial em escrita de si integra um conjunto de modalidade que se convencionou chamar de produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 20014. P. 10

<sup>42</sup> Considerados cientistas popular cuja possui característica próprias de curar: unem o misticismo de religião junto os conhecimentos da medicina popular.

RACHEL, Karla, MELO, Jarsen. **A Cura através da Fé: Um olhar sobre as benzedoiras/rezadeiras** Alagoanas-Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Maceió/ AL

desesperada, ela fez uma promessa para mim usar luto seis meses de preto, de saia cumprida arrastando no pé, de manga cumprida, para não ficar mais doente, mas não adiantou nada, eu continuava caindo do mesmo jeito. Caía na igreja, na escola, nas festas, nas estradas”(Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha-AL 08/2018)

O período de sua infância foi caracterizado pelo amadurecimento precoce, no qual teve que assumir as responsabilidades no seu seio familiar, marcado pelo catolicismo, com participação ativa de seu pai Julio Alves dos Santos, nomeado pelo Padre Fernando Soares Vieira para ser Presidente do Apostolado da Oração do Tanque na Igreja Nossa Senhora da Penha, nos dias treze de novembro de 1964.<sup>43</sup>

Segundo Le Goff (1924) a busca pela memória procura salvar o passado, ela se torna um objeto de “poder” no âmbito social, buscando compreender as lutas pela recordação do passado junto as suas tradições, essa busca pode salvar aspectos importantes de diferentes sociedades e evitando o esquecimento da sua História. Serve também para compreendermos elementos do presente, e para evitarmos que erros sejam cometidos no futuro. Existe a necessidade em se compreender o passado como uma explicação estrutural do presente, buscando estabelecer uma relação entre passado e presente tendo como ponte de conexão os mais velhos, os mestres da História Oral.

Aí ele passou a ter responsabilidade e cuidar de mim me passar banho, ensinar as coisas. Quando eu completei sete anos e oito meses eu recebi Maria Padilha das Almas pela primeira vez de verdade. Foi uma emoção muito boa e ao mesmo tempo muito triste, porque aí o pessoal do povoado entendeu que eu era espírita, que eu estava recebendo o diabo e todo mundo se virou contra mim. Eu fui atirada pedra na rua, minha família todinha me abandonou, se afastou de mim, só fiquei com meus irmãos, assim mesmo porque moravam longe de mim e eram criança e também não entendiam muito, eram mais novos que eu e minha mãe e meu pai aceitou porque em todo lugar que eu chegava dizia que se eu não desenvolvesse a minha mediunidade ele ia perder a filha que tinha

O finado Dão foi o meu pai, foi meu amigo foi tudo, porque ele penteava os meus cabelos e a esposa dele, eu fui criada mais pelos índios do que pela minha própria família, porque papai ó trabalhava e mamãe só bebia cachaça e meus irmãos eram todos crianças e quando eu não aguentava eu corria para lá.

---

<sup>43</sup>Anexo. P.29-30. (Ata do Apostolado de oração do Tanque)

Quando tinha festa nos croas eu ia participar, quando tinha sessão eu ia e me sentia bem, mas lá eles sempre falavam: aqui não é o seu lugar. (Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha- AL. 08/2018)

Pouco se sabia em relação às entidades, com o convívio com os índios que tinham a mediunidade sagrada dos encantados croas, teve no benzedor o sr. Dão um guardião detentor de conhecimentos místicos indígenas, que explicou-lhe da necessidade de cuidar do seu lado espiritual, para que seu Orixá pudesse se desenvolver. Por ser um ancião coube a ele cuidar dela e dar-lhe os ensinamentos necessários baseados em suas experiências e conhecimentos espirituais, e assim aos seis anos e oito meses de idade ela recebe sua primeira entidade consciente desse processo. Tendo que lidar com o preconceito ainda muito criança, seus pais tiveram que procurar centros de espiritismo para tentar resolver a situação, saíam de casa à noite, passando por baixo de cercas de arame farpado evitando os olhares preconceituosos, que partiam da sua própria família.

A pesquisa autorreferencial em escrita de si integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos.<sup>44</sup>

O desejo pela unidade do eu se torna uma identidade, não algo harmônico que as práticas culturais tornam possível, mas que atende as necessidades e permanece através do tempo na fabricação da vida do indivíduo numa retrospectiva fragmentada e alterada ao longo do tempo.

O padre da época do povoado Tanque era Padre Fernando, era um padre digno de boa índole, de boa educação e tinha amor a Deus, porque ele dizia que na casa de Deus não se rejeita ninguém nem o espírita, nem o crente, nem a prostituta, religião nenhuma independente de que for nem o que o ser humano for um padre não tem direito de expulsar nenhum filho da igreja. Ele me ajudou muito nessa fase de minha vida. Me deu muito conselho me convidou para ir pra o convento estudar e eu falava pra ele que eu não queria não ir pro convento estudar não, porque eu não queria ser freira eu queria era casar. E aí ficou muito difícil, a minha história de vida começou aí o meu sofrimento, porque as beatas da igreja da época falaram com o padre que não queriam que eu participasse das coisas da igreja e eu cantava já na igreja eu gostava de cantar os cânticos da igreja, eu gostava de participar das coisas, aí eu fui me afastando de tudo da igreja, das pessoas menos de Deus, nunca consegui porque Deus é único e

---

<sup>44</sup>GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. P. 10

onde quer que eu esteja Ele está sempre comigo. Gosto muito de rezar, gosto de ir à missa, mas vou muito pouco a missa aqui no povoado, porque sou muito criticada, muito julgada e eu não gosto e eu respondo se ela vê falando mal de mim eu não vou ficar calada. (Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha- AL. 08/2018)

A pesquisa oral vem sendo utilizada como uma forma de preencher as lacunas documentais convencionais<sup>45</sup> através da entrevista, com base no gênero de história oral da vida, para se entender o funcionamento da sociedade. Promovendo discussões em relação a diversos temas por se tratar de um documento vivo, na construção de uma identidade do indivíduo repensando a sociedade contemporânea por meio do diálogo entre entrevistado e pesquisador fomenta-se o documento oral, percebendo a vida social.

Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento Oral. A entrevista, porém é história oral em sentido escrito<sup>46</sup>.

O programa de história oral se caracteriza por se desenvolver através de entrevistas, sendo considerada como fontes privilegiadas, devido aos seus enormes acervos de depoimentos e a sua complexidade. Recentemente tornou-se uma pesquisa de grande importância na formação social, a História passa a relatar as histórias de vida na construção de identidade na construção do eu, são nos trechos dessa entrevista com Lúcia, que se possibilita a voz na História sobre o Candomblé, a uma mulher pertencente e praticante da religião.

Quando eu completei quatorze anos pela primeira vez eu recebi minha segunda entidade que foi Maria Baiana. Ela veio e falou que ia fazer um trabalho para minha mãe, pra diminuir essa cachaça dela. A minha prima morava vizinho da minha casa, que se chamava Carminha, que Deus já levou ela também e eu pedi ajuda pra ela e ela falou que me ajudava. Eu pedi ajuda a toda a família a vô a vó a tio a tia a primo, pra me dar o dinheiro pra comprar as coisas que ela pediu pra fazer o trabalho pra minha mãe, ninguém me deu porque disse que era safadeza

Meus irmãos ela ainda respeitava, mas em casa eu era a única que ela odiava, ela jurou várias vezes me matar, ela me deu muitas quedas, ela me machucou muito. Muitas vezes minha tia chegava, meu pai, meu avô ela estava com um sintô, arreio de corô cru me batendo, ela pegava em meu pescoço assim ó: eu vou lhe matar sua desgraçada. Ela nunca gostou de mim enquanto ela estava com esses problemas aí, mas eu nunca deixei de ama-la

<sup>45</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011. P. 24

<sup>46</sup> Ibid. P. 13

nunca deixei de cuidar dela. Como ela melhorou, foi aí que eu decidi a ir embora do povoado. Conversei com meu pai e ele disse que eu era uma criança, que eu não tinha estrutura pra sair de casa, eu digo não, cansei de sofrer, cansei de ser humilhada no povoado e eu vou embora.

Fui pra Delmiro mora com minhas primas Ivete e Ivone, trabalhei seis meses pra ela na casa delas, lavando, passando, cozinhando pra ganhar meu pão de cada dia pra não voltar pra casa e nem pedir nada a pai e nem a mãe. Com seis meses eu passei na prova da Fábrica esperei mais três, aí fui chamada e comecei a trabalhar. Trabalhei lá um ano e seis meses de costureira, trabalhei na seção de revisão de punhos de camisas de mangas cumpridas. Trabalhei lá, gostava do trabalho, mas o meu coração, minha mente, minha vontade era sumir daqui de perto das pessoas que eu conhecia, de família, de todo mundo e fazer minha história longe.

Aí foi quando eu fui morar em Delmiro, fui estudar no ginásio Vicente de Menezes fazer o meu primeiro colegial e o segundo não cheguei a concluir porque eu só fiquei dois anos em Delmiro, dois anos e cinco meses e fui embora. Fui procurar serviço aí consegui um emprego na fábrica aí fui trabalhar, um belo dia pedi as contas e fui embora pra São Paulo. Cansei daqui, por onde eu passava as pessoas me criticavam olhavam de cara feia pra mim “olha, o cão ali! A possuída do demônio. Trabalha com diabo! Recebe o diabo!” Aí eu cansei disso tudo, de ouvir isso, eu já estava com trauma eu já chorava muito, já estava com problemas sérios psicológicos e decidi ir embora e fui pra São Paulo, deixei ginásio deixei emprego deixei tudo e fui embora. (Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha- AL. 08/2018)

A fé em seu Deus não foi abalada, mesmo com todo sofrimento e humilhação. Sua alternativa plausível era se afastar do Tanque, e buscar acolhimento na cidade de Delmiro Gouveia, ainda se sentido constrangida com o olhar de julgamento das pessoas e dos familiares próximos, ela migra para São Paulo (SP), prática comum de muitos sertanejos que buscavam melhoria no sudeste do país, durante sua morada em SP ela constrói sua identidade e tem contato com diversas religiões, para se consolidar no Candomblé.

Quando eu cheguei em São Paulo eu fui morar com meu irmão, eu sofri muito bullying, muito mesmo e até hoje sofro. Após seis meses eu arrumei um serviço, graças a Deus e aos Orixás comecei a trabalhar, aí trabalhei cinco anos nessa fábrica. Com cinco anos eu arrumei um namorado e casei, pedi as contas da fábrica e fui morar em Guarujá.

Em São Paulo mesmo foi que eu conheci, assim que eu cheguei eu arrumei um namorado e ele era espírita já frequentava centro de candomblé aí eu fui com ele conhecer o centro, gostei e entrei na casa. Comecei a trabalhar e desenvolvi minhas coisas todas,

raspei meu santo<sup>47</sup> com Rosimeire, ela era filha de Oxóssi com Oxum filha de pai Bobó, que Deus já levou também, pai bobó era legítimo da Bahia era meu avô de santos e raspei meu santo com ela, eu fui raspada a primeira vez de Ajimú, Oxum com Omolu. Minha vida era estabelecida eu tinha loja, eu tinha uma vida digna, humilde, mas digna. Raspei meu santo e com sei meses de raspada não tinha nem um pão para comer dentro de casa, aí começou meus problemas e fiquei revoltada, porque eu fugi de tanta coisa não queria fazer santo, não queria isso, não queria aquilo, aí fui pra outro lugar. Minha pomba-gira dona Maria Padilha das Almas rodava e dizia: “filha, calma. Paciência e sabedoria, as coisas foram feitas errada, mas vão ter conserto, você vai consertar, vai encontrar um babalorixá<sup>48</sup> que lhe ajude e que conserte suas coisas.

Aí eu fui procurar, procurar, teve um mês que eu joguei<sup>49</sup> em mais de vinte pais de santo e também fui rejeitada, porque diziam assim: “ah, essa qualidade de orixá eu não quero em minha casa não, Oxum Opará em minha casa eu não quero” Aí eu fiquei mais revoltada ainda, porque eu já fui criticada de criança porque eu recebia o diabo aí chego na casa de um pai de santo e ele diz na minha cara que sou filha de Oxum Opará e na casa dele não quer, aí o quê que eu ia pensar: não quero mais saber de nada e tentei abandonar tudo. Joguei tudo pra o ar “não quero mais saber de nada!” Aí fui ser messiânica, passei oito meses na igreja messiânica e minha vida foi afundando, afundando, afundando e pronto fiquei sem nada.

Casei fui morar num quarto cozinha nos fundos da casa da minha sogra, meu sogro é ateu não queria que ninguém entrasse na minha casa, não queria saber de espiritismo, bacana, e eu me afundando aí saí da messiânica. Fui pra igreja de crente, na igreja de crente foi pior, porque quando eu pisava o pé na igreja que o pastor passava a bolsa pra pegar o dízimo a minha pomba gira rodava e dizia pra todo mundo que era errado, que ele estava enganando, que ele estava pegando o dinheiro, os relógios, os brincos das pessoas pra ele, que Jesus não precisava disso, aí dava mais pau ainda e eu saí, e ela me tirou de lá falou que lá não era meu lugar, aí foi até que eu encontrei um pai de santo, João de Logum Edé, morava em Praia Grande. Aí cheguei lá e ele sentou comigo e me explicou o que aconteceu com a minha feitura, o por que daquilo que eu estava passando e como era que tinha que consertar e o que eu tinha que fazer. Aí eu consertei meu santo dei minha obrigação com ele, a de um ano, de três a de sete e a de quatorze, quando eu dei a de quatorze eu também saí de lá, porque tinham muitas coisas no axé que eu não concordava, então eu tive que sair. Aí quando eu dei meus sete anos meu ex-marido já tinha casa aberta, que hoje é ex não estou mais com ele, ele tinha casa aberta eu fui ser mãe pequena da casa, fui ajudar ele a tocar a casa e foi chegando um filho atrás do outro e quando

<sup>47</sup> <sup>47</sup> Processo de iniciação na religião, também conhecido como *OBRIGAÇÃO* [www.pucsp.br/rever/rv1\\_2005/p\\_baptista.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_baptista.pdf) P. 75. Acesso em 10 de nov. 2018.

<sup>48</sup> [www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf](http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf) P. 18. Acesso em 10 de nov. 2018

<sup>49</sup> Jogo de Búzios [www.pucsp.br/rever/rv1\\_2005/p\\_baptista.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_baptista.pdf) P. 74. Acesso em 10 de nov. 2018

vi estava eu lá com sessenta filhos de santo. Casa montada tudo certo, tudo indo bem, me separei do meu marido botei o meu ibá em minha cabeça, aluguei uma casa e fui morar sozinha. Quando eu mudei para essa casa com um mês bolou<sup>50</sup> um Logum Edé em meu pé, fiz o santo dele aí começou a minha vida espiritual de mãe de santo sozinha. Uns filhos foram morar comigo e outros procuraram outros rumos, aí fui começando devagarzinho quando pensei que não eu estava com a casa cheia de novo. Mas aí começou meus problemas de saúde, eu tive infarto, eu fiz cirurgia, eu me estressava muito eu tenho problema respiratório, sou alérgica e a poluição estava me matando. Aí em 20011 eu deixei tudo lá e vim embora para cá para o povoado Tanque de volta. (Maria Lúcia. Pov. Tanque, Pariconha- AL. 08/2018)<sup>51</sup>

Sua história na religião começou com sua chegada à São Paulo onde criou sua identidade como Yalorixá. Enfrentou grandes dificuldades devido à má fé traduzida na falta de seriedade nos trabalhos de um sacerdote que usava da religião para se promover. Com isso a sua procura por alguém que ajudasse a compreender o que se passava em sua vida e a ajudasse a trabalhar o seu lado espiritual foi um tanto quanto longa o que lhe afligia muito, além disso sofreu por ver seu filho passar por um problema de saúde grave e pelo qual teve a necessidade de ainda criança iniciar-se na religião. Depois de se estabelecer na religião a Lúcia continuou enfrentando o preconceito, resistindo mais uma vez a rejeição social e em sua própria família. Passou 32 anos de sua vida residindo em São Paulo onde percorreu todas as etapas da religião até chegar ao cargo mais alto, o de Yalorixa. Posteriormente, aos 53 anos de idade voltou à suas raízes, o povoado Tanque, onde tudo começou. Regressou para viver uma nova história em sua vida e cumprir a missão que lhe foi dada. Seis anos após seu retorno ao povoado, abriu a sua casa de Axé, o Ilê Axé Oxum Opará, tem atualmente 14 filhos de Santo, dos quais dois deles são Ogãs<sup>52</sup>, uma é Ekedy<sup>53</sup>, cinco são Iaôs<sup>54</sup> e seis são Abiãs<sup>55</sup>. Sua casa funciona com fluxo maior de atividades aos finais de semana, pois os filhos todos são da cidade vizinha, Delmiro Gouveia, Al e trabalham durante toda a semana, reunindo-se geralmente nos dias de folga, com exceção aos períodos em que algum irmão se encontra recolhido para

---

<sup>50</sup> Estado de transe. <file:///C:/Users/L%C3%ADvia/Downloads/41149-212815-1-PB.pdf> P. 75. Acesso em 10 de Nov. 2018

<sup>51</sup> SANTOS, Maria Lúcia Alves. **Caminhos, conflitos e esperanças do axé: relatos de uma sertaneja candomblecista em Pariconha 1964-2018**. Pariconha, 2018 Entrevista concedida a Ana Maria Moreno dos Santos em 10 Agos. 2018

<sup>52</sup> [www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf](http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf) P. 18. Acesso em 10 de nov. 2018

<sup>53</sup> Ibid. P. 18-19

<sup>54</sup> Ibid. P. 18-19

<sup>55</sup> Ibid. P. 18-19

obrigação, pois todos colaboram na execução das tarefas, entretanto, dentro das possibilidades que lhes cabem, já que há regras a serem seguidas.

Em dias de festa, toda a comunidade é convidada a participar e comemorar junto com os membros da casa.

A Lúcia hoje em dia continua sofrendo com o preconceito, mas as pessoas evitam comentários em sua presença. Há também uma parcela de moradores da comunidade com os quais convive bem, sem embates por conta da sua religião. Em relação à família, não há mais os conflitos que havia antes, porém alguns de seus irmãos continuam sem aceitar que ela seja candomblecista, todavia, ela não se aflige com nada disso e segue normalmente sua vida sem se sentir afetada em nada, exercendo seu cargo de mãe de Santo, acolhendo a todos que a procuram.

#### **1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Candomblé por se tratar de uma religião de matriz africana sofre preconceitos que através das análises de diferentes fontes históricas são desmitificados ou desfeitos, citamos em nosso artigo Nina Rodrigues que acaba por se tornar um dos percussores dos estudos em relação a religião. O mesmo traz como ponto de partida a psicologia com um olhar preconceituoso, porém dá um passo importante nos estudos sobre o tema e graças a sua grande influência científica estimula outros pesquisadores a estudarem a religião e também trazerem suas percepções de Candomblé enquanto religião, a qual resiste ao tempo e a todas as barreiras impostas preservando suas raízes.

Historicamente o Candomblé aparece a margem da sociedade e da história sendo oprimido, resistindo e se perpetuando através de seus adeptos dos quais narramos aqui a história de uma Yalorixá, Mãe Lúcia, que nos reflete os aspectos socioculturais da região em que vive. Foi possível observar as pequenas evoluções ocorridas na região em relação ao que abrange o Candomblé, visto que mãe Lúcia abriu a primeira casa de Axé do povoado atendendo a toda a região vizinha, com isso parte do preconceito se quebra e novas perspectivas se abrem. A pesquisa proposta nesse trabalho não se limita as essas linhas, fazendo-se necessária uma exploração abrangente, em relação a vida social desta mulher enquanto Yalorixá no sertão de alagoas a esperança do Axé vem resistindo aos preconceitos, sociais, história de superação mantendo viva a religião do Candomblé a

qual impulsiona este trabalho nesse momento e no decorrer da minha vida acadêmica pesquisas futuras.

## REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ALBERTI, Verena. **Manual de historiador oral**. Editora FGV, 2013.

ARAUJO, Correi Clébio. **O Candomblé Nagô em Maceió: itinerário de uma identidade em construção**.

ELTIS, David. **A Diaspora Dos Falantes De Iorubas,1650-1865: Dimensões E Implicação**.

FERRETTI, E. Sérgio. **Sincretismo Afro-Brasileiro E Resistência Cultural**.. Universidade Federal Do Maranhão – Brasil.

FREYRE, Gilberto, 1987. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48ª Ed. rev.- São Paulo: Global 2003.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

GRACILIANO: **Revista da imprensa oficial Graciliano Ramos**; Maceió-Ano V- N°13- Março e Abril 2012.

Ginzburg, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**/ Carlo Ginzburg; tradução de Rosa Freire da' Aguiar e Eduardo Brandão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguidos pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Le Goff, Jacques 1924, **História e memória** / Jacques Le Goff; Bernardo Leitão. ... [et al]. – 5º ed. – Campinas SP: Editora da Unicamp, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2011.

Prandi, José Reginaldo, **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova.** São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado Baixo: Religião e Política na Primeira República.** São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2012.

ROCHEL, Karla, MELO, Jarsen de. **A Cura através da Fé: Um olhar sobre as benzedoiras/rezadeiras** Alagoas-Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Maceió/ AL

SANTOS, Irineia Maria Franco dos. **“Nos domínios de Xangô”:** Religiões afro-brasileiras em Alagoas e a memória do Quebra – Quebra (1912 – 1980). 2012. Irineia Maria Franco. Universidade Federal de Alagoas, 2012.

SANTOS, Maria Lúcia Alves. **Caminhos, conflitos e esperanças do axé: relatos de uma sertaneja candomblecista em Pariconha 1964-2018.** Pariconha, 2018 Entrevista concedida a Ana Maria Moreno dos Santos em 10 Agos. 2018.

SLENES.W. Robert. **“Malungu, nagoma vem!” África coberta e descoberta no Brasil.**

TERESINHA, Benardo **O Candomblé e o Poder feminino, revista de estudos da religião.** 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi, **Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo.** Salvador: Corrupio, 2002.

**SITE CONSULTADOS**

<https://www.ihgal-al.com.br> acessado em 15 de setembro de 2018.

<https://www.google.com/maps> acesso em 20 de setembro de 2018.

<https://edisciplinas.usp.br> acessado em 20 de setembro, 2018.

<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/abelardo-duarte> acesso em 28 de setembro de 2018

<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia> acesso em 28 de setembro de 2018.

[www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf](http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9964/1/20500235.pdf) Acesso em 10 de nov. 2018

<file:///C:/Users/L%C3%ADvia/Downloads/41149-212815-1-PB.pdf> Acesso em 10 de nov. 2018

[www.pucsp.br/rever/rv1\\_2005/p\\_baptista.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_baptista.pdf) Acesso em 10 de nov. 2018

<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v7n13/2237-101X-topoi-7-13-00271.pdf>. Acesso de 10 de novembro de 2018.

[https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo). Acessado em 10 de novembro de 2018.

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575/27317>. Acessado em 10 de novembro de 2018.

<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2018.

IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha/panorama> Acesso dia 10 de novembro de 2018.

**ANEXO**

Mãe Lúcia de Oxum Opará – Pov. Tanque, 2018



## Ata do Apostolado de Oração do Tanque.

31

Diretor - Conego Fernando Soares Vieira  
 Presidente - Julio Alves dos Santos  
 Tesoureiro - José Ruyra dos Santos.  
 Secretária - Maria de Lourdes F. Santos

Ata da sessão do sub-Centro do Apostolado da Oração do Tanque.

Aos quinze dias do mez de novembro do ano de mil novecentos e sessenta e quatro nesta Capela após a santa missa reuniu-se o conselho de zeladores e zeladoras com a presença do Sr.º Diretor Conego Fernando Soares Vieira que presidiu a sessão. Depois de entoado o veni e lida das orações de costume o mesmo Diretor ordenou a secretária a leitura da Ata da sessão anterior a qual depois de lida foi aprovada por todos os presentes sem contestação alguma em seguida o Sr.º Diretor fez em palavras <sup>claras</sup> a explicação geral do mez que foi a seguinte 1.ª Intenção - Para que os homens iluminados pela doutrina cristã da vida eterna, compreendam o sentido e o valor da vida presente. Depois da explicação geral do mez foi lida a chamada, estavam presentes quase todos os zeladores e zeladoras, faltando alguns por motivo justo. Em virtude do Sr.º Presidente do Apostolado da Oração Sr.º Valério José do Nascimento morar distante da sede e por se achar em idade avançada não podendo mais comparecer as reuniões o Sr.º Diretor Conego Fernando Soares Vieira resolveu nomear o zelador Sr.º Julio

## Ata do Apostolado de Oração do Tanque

Alves dos Santos como presidente. Conjugaram  
na ocasião da santa missa dezesseis homens  
e vinte e nove mulheres cujo total somou quaren-  
ta e cinco. A coleta do dia importou em três  
mil e quinhentos cruzeros, (3.500,00) foi entregue  
sem cruzeros para a zeladora Candida Be-  
zerra dos Santos nada mais havendo  
a tratar foi encerrada a sessão com as  
orações finais de que para constar lavrei a  
presente Ata que assino com os demais mem-  
bros da diplória.

Feita e aprovada em 11/12/1964

Diretor - ~~Benigno~~ Fernando Lourenço  
- Presidente - Julio Alves, dos Santos  
- Tesoureiro - José Bezerra dos Santos  
- Secretária - Maria de Lourdes J. Santos

Ata do Apostolado da Oração do Tanque.  
Nos onze dias do mês de dezembro do ano de  
mil novecentos e sessenta e quatro por volta das  
treze horas do dia nesta Capela, realizou-se a  
sessão mensal do Apostolado da Oração, sob a  
presença do Revmo. Conego Fernando Soares Vieira  
pequente os zeladores e zeladoras e associados  
e ambos os sexos para fazerem a sessão men-  
sal. Feita as orações de costume o Revmo. Diretor  
ordenou a secretária que fizesse a leitura da  
Ata da sessão anterior a qual foi lida e apro-  
vada por todos os presentes, em seguida o nosso  
exmo. Diretor disse a intenção geral do mês que  
foi a seguinte - Tapa que se removem as dificuldades  
à união dos cristãos fora e dentro das Terras de